

Livro-reportagem: Averso, Meu Lado Certo¹

Tiago de ARAUJO²

Eduardo MORAES³

João Messias JÚNIOR⁴

Camila GENERATO⁵

Lilian CREPALDI⁶

Universidade Municipal de São Caetano do Sul, São Caetano do Sul, SP

RESUMO

Apesar de a transexualidade despertar o interesse do público, devido à importância que os meios de comunicação têm dado ao assunto, os transexuais são comumente confundidos com homossexuais. A transexualidade é o desejo de ter o corpo adequado à mente, enquanto a homossexualidade é a atração física ou afetiva pelo mesmo sexo. Por meio do produto livro-reportagem, aborda-se questões médicas, sociais e jurídicas que envolvem os transexuais. O âmbito médico procura distinguir quem realmente é transexual para evitar um tratamento desnecessário feito por um diagnóstico equivocado. A esfera social busca diminuir o preconceito ainda existente. O lado jurídico mostra os desafios de conseguir a oficialização do nome nos registros civis. No livro, quatro transexuais trazem à tona a visão que possuem sobre mudança de sexo e as consequências para suas vidas.

PALAVRAS-CHAVE: transexualidade; livro-reportagem; perfil; medicina; sociedade; jurídico.

1 INTRODUÇÃO

O livro-reportagem foi construído a partir da história de quatro personagens transexuais, desde a infância, passando pelos primeiros questionamentos na adolescência e, finalmente, a vida adulta. O projeto também discute questões sobre a transexualidade em si, como origens, interpretações e a situação atual do tema. Os personagens contam como são vistos pelas pessoas, como são tratados depois que vem à tona a divergência entre o que sentem e como nasceram, o que fazem e o que desejam fazer para deixarem de serem vistos como "diferentes", "anormais" e/ou "doentes".

Os relatos dos personagens são escritos no formato perfil que, segundo Edvaldo Pereira Lima, “trata-se da obra que procura evidenciar o lado humano de uma personalidade

¹ Trabalho submetido ao XXI Prêmio Expocom 2014, na Categoria Jornalismo, modalidade livro-reportagem.

² Líder do grupo e recém-formado em Jornalismo, email: araujo_silvaa@yahoo.com.br.

³ Recém-formado em Jornalismo, email: eduardomoraes46@gmail.com.

⁴ Recém-formado em Jornalismo, email: joaomessiasjunior@gmail.com .

⁵ Recém-formada em Jornalismo, email: dilualovegood@gmail.com

⁶ Orientadora do trabalho. Professora do Curso de Jornalismo da USCS, email: liliancrepaldi@uol.com.br

pública ou de uma personagem anônima que, por algum motivo, torna-se de interesse.” (2009, p. 51). O perfil não é apenas um relato de fatos e aspas, mas a transmissão da compreensão e dos sentimentos obtidos para os leitores.

Anatomicamente ou biologicamente, o ser humano possui dois tipos diferentes de órgãos genitais: o pênis, associado ao gênero masculino (homem) e a vagina, associada ao gênero feminino (mulher). Quando nasce, o bebê ou terá um pênis ou uma vagina, salvo os casos de intersexo ou hermafroditismo em que, por diversos fatores, os dois sexos, tanto interno como externamente, coabitam o mesmo ser, não sendo necessariamente ambos desenvolvidos e/ou funcionais.

Produzido para auxiliar profissionais, estudantes e professores da área de comunicação, o Manual de Comunicação LGBT define intersexual como:

(...) termo geral adotado para se referir a uma variedade de condições (genéticas e/ou somáticas) com que uma pessoa nasce, apresentando uma anatomia reprodutiva e sexual que não se ajusta às definições típicas do feminino ou do masculino. (2010, p. 14)

Os “Princípios de Yogyakarta” tratam de normas e direitos humanos e aplicações de orientação sexual e, de acordo com esses princípios, identidade de gênero é a “experiência interna, individual e profundamente sentida que cada pessoa tem em relação ao gênero, que pode, ou não, corresponder ao sexo atribuído no nascimento” (2006, p. 9 e 10). As mulheres e homens transexuais estão fora do dito “gênero adequado”. Elas e eles, geralmente na primeira infância, se sentem com uma identidade de gênero diferente da atribuída ao nascerem. O corpo não corresponde à mente que se reconhece como sendo do sexo oposto.

A denominação “transexualidade” é a aceita pela comunidade LGBT e usada para falar da experiência identitária ou experiência transexual dos homens e mulheres trans. O sufixo *-dade*, quando adicionado às palavras, forma substantivos que remetem a estado, modo de ser ou comportamento. Quando a palavra transexual recebe o sufixo *-ismo* que, entre outras coisas, é utilizada na medicina para designar doenças, traz à tona a patologização das pessoas trans, designando-as como doentes mentais.

Assim como acontecia com o homossexualismo, denominado assim até 1973 pela *American Psychiatric Association* (APA), Associação Americana de Psiquiatria, e até 1990 pela Organização Mundial da Saúde (OMS), quando foi despatologizado e passou a ser denominado como homossexualidade. A transexualidade, hoje ainda denominada transexualismo, é considerada uma doença mental e é clamada pela mudança na classificação em que foi disposta e pela despatologização.

No Brasil, o Conselho Federal de Medicina (CFM) adota o estabelecido pela OMS na CID-10 e também faz uso do termo transexualismo.

Contudo, sob alguns aspectos, a despatologização da transexualidade acaba por ser algo inviável, tendo necessidade de outras medidas para que o processo transexualizador esteja ao alcance de todos os que se enquadrem para fazer parte do programa.

É importante ainda notar que existem pesquisadores que advogam a despatologização da condição transexual. Eles defendem a necessidade de retirada de tal condição do rol dos diagnósticos psiquiátricos, pois não a consideram uma patologia. [...] a retirada dessa condição dos diagnósticos médicos dificultaria a normatização da cirurgia de redesignação sexual por sistemas de saúde, privados ou públicos, como o SUS, prejudicando a busca dessa população pela readequação ao sexo desejado e perpetuando seu sofrimento. (CORDEIRO, 2012, p. 16 e 17).

Existe um favorável reconhecimento da transexualidade tanto por via administrativa, judicial ou legislativa, porém a regulamentação dos direitos dos transexuais ainda é inexistente, com relação à mudança do prenome e sexo no Registro Civil. Tanto a troca do prenome quanto de sexo nos documentos, torna-se um caso isolado, em que cada juiz decide a favor ou contra. Apesar da preocupação com documentação, nota-se que, para os transexuais, o corpo é o tema primordial.

2 OBJETIVO

Elaborar perfis de personagens transexuais, desde histórias de vida até as questões político-sociais, por meio de um livro-reportagem.

3 JUSTIFICATIVA

O número de cirurgias de redesignação sexual no Brasil não é preciso. Segundo dados do jornal *O Globo*, de agosto de 2013, no ano de 2008, quando a cirurgia começou a ser oferecida pelo SUS, 2.714 pessoas foram atendidas em ambulatórios e hospitais para a mudança de sexo do masculino para o feminino. A cirurgia propriamente dita começou a ser realizada em 2009, com 501 pacientes. Em 2010, este número obteve um tímido acréscimo de nove pacientes. No ano seguinte, o crescimento foi de aproximadamente 40%, o que totalizou 706 processos cirúrgicos. Em 2012, houve 896 intervenções médicas de redesignação sexual. (O GLOBO, 2013).

A portaria publicada em julho de 2013 pelo Ministério da Saúde - que estabelecia alterações nas normas para mudança de sexo - foi suspensa. Entre as mudanças previstas, estavam a redução da idade mínima de 21 para 18 anos para realização da cirurgia de redesignação sexual e a diminuição da idade para início do tratamento acompanhado por especialista e aplicação de hormônios de 18 para 16 - mediante autorização dos pais. O motivo para a suspensão é estudar protocolos clínicos para, no futuro, aplicar as normas para os hospitais da rede pública. (O GLOBO, 2013)

O formato jornalístico escolhido possibilita um trabalho autoral em que é permitido ir mais a fundo nas histórias das pessoas. O livro-reportagem admite um maior nível de detalhamento que outros meios de comunicação não conseguem abarcar e transmitir.

Perfis são histórias de vida em que o repórter busca ouvir, sentir, vivenciar e depois contar os acontecimentos de uma dada personalidade pública e também de pessoas anônimas. O entrevistador procura adentrar no íntimo da pessoa revelando e trazendo à tona características que outrora estavam ocultas.

4 MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADOS

A pesquisa teórica foi o primeiro passo para a construção deste trabalho. Os livros, artigos acadêmicos, trabalhos de conclusão de curso, notícias e documentários indicados pela orientadora, no final do primeiro semestre de 2013, serviram como ponto de partida para que nos familiarizássemos com o tema. A partir das leituras, verificou-se que a pesquisa seria exploratória. Não conhecer bem o assunto poderia prejudicar na viabilização das entrevistas com as fontes.

A complexidade do assunto tornou esta fase do projeto trabalhosa para encontrarmos fontes em que pudéssemos confiar. A quantidade das informações era encontrada em blogs ou em páginas virtuais que possuíam dados ou relatos com informações importantes, porém não oficiais. A pesquisa bibliográfica acessível, algumas vezes, mostrou-se obsoleta no tema, com dados antigos que não acompanharam a evolução da sociedade. No entanto, algumas bibliografias se mostraram atemporais e nos foram extremamente úteis.

A reunião entre transexuais e médicos, que se dedicam a acompanhar os pacientes do pré ao pós-operatório, não pôde ser acompanhada pelos integrantes do grupo. Foi informado que paciente e médico requeriam privacidade nas consultas. Encerrada a fase

inicial de pesquisa, o grupo fechou em quatro entrevistados com as histórias de vida mais pertinentes para o livro, além de especialistas para compor o relatório.

As escolhas finais de três mulheres transexuais e apenas um homem transexual se deu nessa proporção pela dificuldade que se tem em encontrar personagens transgêneros do sexo biológico feminino para o masculino. De acordo com a psicóloga Desirêe Monteiro Cordeiro, do Ambulatório de Transtorno de Identidade de Gênero e Orientação Sexual (AMTIGOS), (informação verbal) “a cada quatro homens que querem virar mulher, uma mulher quer virar homem”.⁷

Com a escolha dos personagens definida, a pesquisa sobre cada um deles foi feita através de entrevistas com roteiro de perguntas personalizado que compreendesse desde a infância até o momento atual. O roteiro seguiu o molde de perguntas abertas, para que o entrevistado pudesse expressar melhor sua vida. Contudo, a entrevista não se apoiou apenas no roteiro. Outras perguntas surgiam conforme a conversa fluía.

A utilização da técnica do diálogo na prática da entrevista, com as fontes selecionadas, contribuirá com o ‘desbloqueio’ dos entrevistados, já que o tema que será apurado é extremamente delicado e exige sensibilidade por parte dos entrevistadores. (MEDINA, 2004, p. 13).

Em todos os processos de entrevistas, as sonoras foram captadas com auxílio de aparelhos eletrônicos, em ambientes sugeridos pelos próprios entrevistados. Após a captação, começamos o trabalho de transcrição, tornando-se possível a seleção das melhores partes que comporiam o livro-reportagem. A construção da narrativa foi baseada na escrita do jornalismo literário, que é uma forma mais livre e faz com que histórias de vida fluam melhor, sem a presença do padrão jornalístico que faz o uso do lide, tornando a linguagem mais agradável ao leitor. Na teoria da estrela de sete pontas, apresentada por Felipe Pena, o jornalismo literário pretende:

Potencializar os recursos do jornalismo; ultrapassar os limites do acontecimento cotidiano, proporcionar uma visão ampla da realidade, exercitar a cidadania, romper as correntes do lide, evitar definidores primários, ou seja, personagens com cargos públicos e ter perenidade. (2006, p. 13 - 15).

5 DESCRIÇÃO DO PRODUTO OU PROCESSO

⁷ Entrevista concedida pela psicóloga Desirêe Monteiro Cordeiro, do AMTIGOS, São Paulo (SP), para o trabalho de conclusão de curso “Um olhar sobre a transexualidade”, em 20.08.13.

O livro-reportagem, com linguagem literária, contém perfis de personagens transexuais e depoimentos de profissionais que trabalham com este grupo, mediante entrevistas.

O autor Edvaldo Pereira Lima escreve sobre a função do livro-reportagem na prática jornalística. O estilo possui características que estão de acordo com a literatura, como o aprofundamento das histórias sociais. O livro-reportagem busca resgatar a importância de determinado assunto para que ele não caia em esquecimento do público, como nos casos do *hard news*, por exemplo, em que a notícia é transmitida de forma superficial.

O livro-reportagem cumpre um relevante papel, preenchendo vazios deixados pelo jornal, pela revista, pelas emissoras de rádio, pelos noticiários de televisão, até mesmo pela internet quando utilizada jornalisticamente nos mesmos moldes das normas vigentes na prática impressa convencional. Mais do que isso, avança para o aprofundamento de conhecimento do nosso tempo, eliminando, parcialmente que seja, o aspecto efêmero da mensagem da atualidade praticada pelos canais cotidianos da informação jornalística. (2009, p.4).

Lima descreve o livro-reportagem com um “subsistema do jornalismo”, uma vez que tem a função de informar, mesmo com a linguagem literária, com recursos técnicos que provêm do jornalismo. O recurso diferenciador de um livro-reportagem é a *grande-reportagem*.

É a ampliação do relato simples, raso, para uma dimensão contextual. Em especial, esse patamar de maior amplitude é alcançado quando se pratica a grande-reportagem, aquele que possibilita um mergulho de fôlego nos fatos e em seu contexto, oferecendo, a seu autor ou a seus autores, uma dose ponderável de liberdade para escapar aos grilhões normalmente impostos pela fórmula convencional de tratamento da notícia, como o lead. (2009, p.18).

A atualidade num livro-reportagem nunca é perdida, mesmo que todo o processo de criação do produto seja diferente e mais densa do que na imprensa. O livro-reportagem estende a maneira de tratar o assunto que a imprensa cotidiana não explora de forma aprofundada pela falta de investimento humano e financeiro.

Para a captação de dados e conteúdos foi utilizado o estilo de entrevista de compreensão, em que sobressaem no produto criado diversas formas de expressões, entre as quais tensão, drama, emoção e razão. “Nasce daí o diálogo possível, o crescimento do contato humano entre entrevistador e entrevistado, que só acontece porque não há a pauta fechada, castrando a criatividade.” (LIMA, 2009, p.107)

As grandes-reportagens desenvolvidas em livros trazem textos mais literários, pois, uma vez que o texto jornalístico progride da notícia para a reportagem, nasce a necessidade de aperfeiçoamento das técnicas do tratamento da mensagem. No início do século XX, a literatura e o jornalismo tramam pelo mesmo caminho. Por estar próxima ao jornalismo, a literatura encontrou novas formas de narrar o real. “Muitos dos jornais abrem espaço para a arte literária, produzem seus folhetins, publicam suplementos literários. É como se o veículo jornalístico se transformasse numa indústria periodizadora da literatura da época.” (LIMA, 2009, p. 174)

Para a produção dos textos, Cremilda Medina apresenta diferentes formas de narrativas, tanto em primeira quanto em terceira pessoa. A narração em terceira pessoa apresenta como opção “onisciência neutra externa”, em que o narrador descreve os dados externos e não participa da história, e “onisciência neutra plena”, quando o autor penetra na intimidade dos sentimentos tanto quanto narra a ação externa, mas permanece como se não fizesse parte desse mundo, distanciado. (2004, p.71)

O livro tem dimensões de 14x21cm (fechado) com orelhas de 7 centímetros. Ao todo, possui 136 páginas divididas em seis textos corridos: introdução, quatro perfis e post-scriptum. Cada perfil é um capítulo e composto por intertítulos e uma imagem em preto e branco. O miolo foi impresso em papel Pólen 80g/m². As fotos foram impressas no mesmo tipo de papel dos textos. A seguir, uma breve explicação do título e a descrição dos capítulos:

Título

O nome do livro “Avesso, meu lado certo” veio de uma frase dita por Maitê Schneider, uma das personagens, falando de si. Nossa orientadora chamou atenção para a frase, que era apenas um intertítulo. Por decisão do grupo, ela se tornou o nome oficial do livro, pois é representativa e simboliza o fato de os transexuais quererem ser externamente aquilo que sentem como certo, ou seja, querer viver seu avesso, aquilo que a natureza manifestou de forma correta e que somente o tempo, os hormônios e as intervenções cirúrgicas poderão exteriorizar a contento.

Introdução

Breve apresentação e descrição do tema transexualidade na história e situação atual. Contém também uma curta descrição da história de cada personagem e o que conterà cada perfil.

Maitê Schneider

O primeiro capítulo do livro conta a história da curitibana, Maitê Schneider, de 41 anos, que desde muito cedo sabia que seu corpo não pertencia à mente. Aos poucos foi se trajando com vestuário feminino e, aos 29 anos de idade, fez uma automutilação no órgão genital.

Penélope Jolie

Penélope Jolie, paulistana de 36 anos, está em processo para a cirurgia de redesignação sexual e aguarda ansiosa pelos últimos laudos para que possa trocar de sexo. Criada em uma família de classe média, Penélope mal conversa com os pais e tem um irmão que também pertence à família arco-íris. Já atuou em filmes pornográficos, nas boates paulistanas e pretende, após o processo cirúrgico, ir para a Europa, em especial para a Alemanha, se prostituir e adquirir renda para a compra de um imóvel para a mãe.

Gretta Starr

A história de vida da santista, de 58 anos, Gretta Starr está escrita no terceiro capítulo do livro. Considera-se uma transexual, mas não cogita fazer a cirurgia de mudança de sexo pelo fato de não haver profissionais capacitados no Brasil. Maquiadora, apaixonada por aviões, conheceu muitos países pelo mundo através da participação de shows e concursos de Miss Universo Diversidade.

Xande dos Santos

O penúltimo capítulo do livro relata a história do paulistano Xande, de 41 anos, que se tornou o primeiro transexual masculino a fazer a histerectomia, financiada pelo Sistema Único de Saúde (SUS), no Brasil. Xande nos conta os momentos de molecagem, a gravidez

não planejada e o período frente à Presidência da Parada do Orgulho Gay de São Paulo, no período de 2008 a 2010.

Post-scriptum

Com informações técnicas sobre a área da saúde, o post-scriptum foi escrito para deixar leitores mais sintonizados ao assunto transexualidade. O texto contém detalhes sobre os processos e tipos de cirurgias aos quais transexuais são submetidos e alguns números de dados sobre o desenvolvimento e a procura constante para este processo cirúrgico.

6 CONSIDERAÇÕES

Do ponto de vista social, os transexuais ainda sofrem preconceito, seja ele na escola, na família ou no trabalho. Logo no primeiro convívio social, a escola, a criança já se depara com segregação, despreparo da instituição e profissionais ao lidar com o transtorno de gênero, muitas vezes intitulado como doença.

Contar para os pais é a parte mais difícil do processo de assumir a transexualidade. Um bom relacionamento familiar pode deixar a conversa fluir de maneira mais tranquila. Nas histórias contidas no livro-reportagem, a família sempre foi uma pedra no sapato. Em muitos os casos, a família o isola e perde o contato.

O mercado de trabalho, aquecido pela economia nacional, favorece a abertura de novas vagas, mas não para gays, lésbicas e transexuais. A maioria das vagas disponíveis para este grupo é na área de estética, como cabeleireiro, maquiador e depilador, entre outros. As dificuldades na procura por emprego podem ser comparadas às dos deficientes físicos, negros e mulheres. Alguns Estados, como São Paulo e Rio de Janeiro, já reconhecem o uso do nome social em crachás, mesmo que a pessoa não tenha feito a cirurgia de mudança de sexo, poupando o indivíduo de uma situação constrangedora desnecessária.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABGLT – ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE LÉSBICAS, GAYS, BISSEXUAIS, TRAVESTIS E TRANSEXUAIS. Manual de comunicação LGBT (2010). São Paulo, 2010.

BELO, Eduardo. **Livro reportagem**. São Paulo: Contexto, 2006.

BRASIL. Constituição (1988). Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília - DF: Senado, 1988.

GARCIA, Carla Cristina: depoimento [set. 2013]. Entrevistadores: Camila Generato e Tiago de Araujo. São Caetano do Sul: USCS-SP, 2013. (36 min). Entrevista concedida ao Trabalho de conclusão de curso "Um olha sobre a transexualidade".

LIMA, Edvaldo Pereira. **Páginas ampliadas: o livro reportagem como extensão do jornalismo e da literatura**. Barueri: Manole, 2004.

MEDINA, Cremilda. **Entrevista: o diálogo possível**. São Paulo: Ática, 2008.

MONTEIRO, Desirêe Cordeiro: depoimento [ago. 2013]. Entrevistadores: Camila Generato e Tiago de Araujo. São Paulo: SP, 2013. (56 min). Entrevista concedida ao Trabalho de conclusão de curso "Um olha sobre a transexualidade".

O GLOBO. *Brasil faz duas cirurgias de mudança de sexo a cada dia*. Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/pais/brasil-faz-duas-cirurgias-de-mudanca-de-sexo-cada-dia-9325203>>. Acesso em: 15 out. 2013.

PRINCÍPIOS DE YOGYAKARTA. Princípios sobre a aplicação da legislação internacional de direitos humanos em relação à orientação sexual e identidade de gênero (2007). Yogyakarta, 2007.